

## Ceuta na narrativa de Nicolau Lanckmann de Valckenstein (c.1467)

In: *XIV Simpósio de História Marítima sobre 'Ceuta e a Expansão Portuguesa'.*

Carlos Guardado da Silva<sup>1</sup>

«30. No dia vinte e dois do mês de novembro, ou seja, dia de Santa Catarina, próximo do nascer do sol, chegámos de barco a África, do outro lado do mar junto a Ceuta. Toda a gente se pôs de joelhos, rezando a Deus que nos desse porto de salvamento.

Aí tivemos o primeiro porto, desde a saída do reino de Portugal. Foi determinado que nesse dia iriam a terra a senhora desposada, a imperatriz, com alguns homens e mulheres, os embaixadores do senhor imperador, o senhor Cristóvão Ungenad, e também algumas pessoas designadas de outros navios. E assim, depois do meio-dia, a senhora desposada, com trezentas pessoas da comitiva, entrou na cidade de Ceuta, ao som de trombetas e charamelas (...).<sup>2</sup>»

Partimos da narrativa de viagem de Nicolau Lanckmann, capelão imperial de Frederico III da Alemanha (futuro bispo de Hipona, entre 1491 e 1497, e confessor da casa imperial), um dos dois embaixadores<sup>3</sup> enviados a Portugal para celebrar os esponsais com D. Leonor, irmã de D. Afonso V e filha de D. Duarte e de D. Leonor de Aragão, em Lisboa, no ano de 1451, e acompanhá-la a Itália, onde seria recebida pelo Imperador, para depois celebrarem matrimónio perante o papa Nicolau V. Um texto inconcluso que, independentemente do seu objetivo, a sua publicação ou uma simples recolha de notas de viagem, apresenta, para além do *Diário da viagem dos embaixadores*, desde a sua saída de Neustadt até ao regresso a esta mesma cidade, também o nascimento dos príncipes, terminando com o falecimento da imperatriz<sup>4</sup>,

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História e Responsável pelo Arquivo Municipal de Torres Vedras. [carlosguardado@campus.ul.pt](mailto:carlosguardado@campus.ul.pt); [carlosguardadodasilva@gmail.com](mailto:carlosguardadodasilva@gmail.com).

<sup>2</sup> NASCIMENTO, Aires A., ed. e trad. - *Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha: Diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckman de Valckentein*. Lisboa : Cosmos, 1992. p. 57.

<sup>3</sup> Acompanhará-o Tiago Motz, bacharel em Teologia, também seu capelão. Cf. COELHO, Maria Helena da Cruz - «A política matrimonial da dinastia de Avis : Leonor e Frederico III da Alemanha». *Revista Portuguesa de História*. Coimbra : Faculdade de Letras, 2002-2003. Tomo XXXVI, vol. 1, p. 51 [p. 41-70].

<sup>4</sup> NASCIMENTO, Aires A., ed. e trad. - *Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha: Diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckman de Valckentein*. Lisboa : Cosmos, 1992. p. 11-12.

acontecimento que tivera lugar em 3 de Setembro de 1467<sup>5</sup>. Um texto que teria tido, portanto, a sua redação, total ou parcial, por volta deste ano de 1467 ou em momento posterior a esta data.

Seguimos a edição de Aires A. Nascimento efetuada a partir do *Codex Vindobonensis Palatinus 3286*, manuscrito que o editor confrontara com a edição de Augsburg de 1503<sup>6</sup> para o estabelecimento do texto.

No itinerário da viagem de ida, que tivera lugar entre 5 de Novembro de 1451 e Junho de 1452, a armada, que conduziria D. Leonor a terras italianas e, posteriormente, a Neustadt, aportou em Ceuta, a 20 de novembro de 1451. Nesta cidade D. Leonor permanecera três dias (ou seis dias<sup>7</sup>), fazendo-se de novo ao mar, em 29 de novembro.

A cidade é descrita por Nicolau Lanckmann, encontrando-se essa descrição entre os fólhos 23 e 25 do manuscrito Vindobonense. São cerca de duas páginas dedicadas à cidade magrebina, que acolhera Leonor, infante que nascera em Torres Vedras, em 1434<sup>8</sup>, no mesmo paço em que, 20 anos antes, por volta dos dias 23 e 24 de julho de 1414, D. João I reunira os seus conselheiros privados, reunião assaz decisiva na preparação da armada com destino à conquista de Ceuta<sup>9</sup>.

Recordemos apenas, que D. João I, desde pelo menos 1409, se não em data anterior, já trazia a ideia da conquista de Ceuta em mente, segundo Gomes Eanes de Zurara, assim como a decisão era já dada como definitiva antes de 22 de Agosto de 1412, quando o monarca enviara o prior do Hospital, D. Álvaro Gonçalves Camelo, e o capitão do mar Afonso Furtado, numa embaixada à Sicília dissimulada sob a proposta de casamento do infante D. Pedro com D. Branca, cujo verdadeiro intuito da viagem, de *espionagem*, assim classificada pelo cronista, era a de estudar as condições de conquista e defesa da cidade magrebina.

---

<sup>5</sup> SILVA, Carlos Guardado da - «Leonor, imperatriz da Alemanha». *Torres Vedras antiga e medieval*. Torres Vedras : Câmara Municipal ; Lisboa : Colibri, 2008. p. 141.

<sup>6</sup> British Library 811.e.21 - Ex coloph. *De nuptiis Inuictissimis Friderici Imperatoris tercii ac Leonore uxoris deque eorundem coronatione ac prolium propagatione A Reverendissimo domino Nicolao Ypponen(s) compilatus libellus feliciter finit. Impensis prouidi uiri Jacobi Wacher de Saltzburga Auguste impressus, Anno domini M.CCCC.III sexto idus decembris.*

<sup>7</sup> Seis dias se as datas de chegada e de partida da comitiva estiverem de acordo com os acontecimentos.

<sup>8</sup> Não em 1437, nem em Lisboa, como refere Nicolau. NASCIMENTO, Aires A., ed. e trad. - *Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha: Diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckman de Valckentein*. Lisboa : Cosmos, 1992. p. 31-33.

<sup>9</sup> Acerca deste acontecimento veja-se: FREITAS, Judite A. Gonçalves de - «A reunião magna de Torres Vedras de 1414 : um Conselho de Estado?». In: SILVA, Carlos Guardado da, coord. - org. - *A Conquista de Ceuta : Conselho Régio de Torres Vedras*. Lisboa : Colibri : Universidade de Lisboa. Faculdade de letras ; Torres Vedras : Município, 2015. p. 53-64.; SILVA, Carlos Guardado da - «Torres Vedras : um Conselho Régio na preparação da conquista de Ceuta». REIS, Maria de Fátima, coord. - *Boletim*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, [no prelo]. p.

36 anos depois da sua conquista, Ceuta foi observada e vivenciada por Nicolau Lanckmann, o qual a descrevera como uma ‘grande cidade, duas vezes maior que Viena’, referência de comparação que o autor do relato bem conhecia, acrescentando, na cidade ‘houve muitos templos dos sarracenos dedicados a Maomé, seu deus’. À parte da confusão registada entre *Allah* e o seu profeta *Muhammad*, o capelão destaca, então, três igrejas, entre as quais, ‘a igreja principal que foi em tempos de pagãos, e construída ao seu estilo’, que descreve do seguinte modo:

«(...) Tem cento e oitenta colunas e estátuas de mármore de diversas cores que sobem até à abóbada. Junto ao altar-mor há duas colunas de pedra serpentina, de cor quase verde. Agora é a igreja catedral dos cristãos dedicada à Bem-aventurada Virgem Maria. Aí são dadas medalhas de chumbo aos peregrinos, como em Aquisgrana, e também com outras representações.»

#### Desenho de Ceuta em *Civitates Orbis Terrarum* (séc. XVI)

c/ referências urbanísticas do século XV

Fig. 1<sup>10</sup>



<sup>10</sup> BRAUN, Georg ; HOGENBERG, Frans - *Civitates Orbis Terrarum*, Band 1, 1572 Ausgabe Beschreibung vnd Contrafactur der vornembster Stät der Welt, Köln 1582.

**Legenda**<sup>11</sup>: 1 - catedral; 2 - igreja de São Tiago (convento franciscano/trinitário, denominado na estampa São Tiago, antiga madrassa al-Yadida; 3 - Almina (o monte Hacho era chamado, na época islâmica, *Yabal-al-mina*; com o tempo, o topónimo alterou-se, servindo, atualmente, para nomear o espaço entre o monte Hacho e a cidade, razão por que ‘porta da Almina’ aparece na documentação como a porta de comunicação entre a cidade e a Almina; 4 - Porta da Almina; 5 - *ambas as uillas* (neste contexto, Gomes Eanes de Zurara referia-se, muito provavelmente, por um lado à cidade/medina, e, por outro lado, aos arrabaldes ocidentais de Ceuta); 6 - Medina (*A Cidade*, assim designada na época portuguesa); 7 - Torre da Moura, porque se supõe que tenha ocorrido nela o episódio da morte de Ataíde (pelo menos aí se encontrava a lápide); 8 - castelo (antigo *Afrag*/cidadela; a torre de Fez citada por Gomes Eanes de Zurara parece, umas vezes, referir-se a uma torre do castelo e, em outras, a uma das torres do Afrag merinida); 9 - as edificações denominadas na estampa por ‘castrum’ correspondem ao palácio do governo; 10 - *al-Jazira*, ‘*Las Algeciras*’, ‘*al-Mansura*’, *Afrag*, etc... (sítio que teve vários nomes, constituindo o recinto fortificado sobre o monte situado a oeste da cidade e que aparece, na estampa, com uma dupla cerca e um elevado minarete; entre *al-Jazira* e a cidade situava-se o ‘Arrabalde de fora’); 11 - *Bahr Abū Sūl*, que significa o ‘mar do sul’, a ‘baía do sul’, que originaria Barbaçote, no qual se erguia um castelo da Água (*bury al-ma*), que não consta, porém, da estampa. Para ajuda na localização dos edifícios e dos microtopónimos registamos o nosso mais sincero agradecimento ao investigador e amigo Fernando Villada Paredes.

### A catedral de Ceuta (2015)

Fig. 2



<sup>11</sup> Para uma descrição mais profunda dos espaços da cidade, veja-se DUARTE, Luís Miguel – Ceuta, 1415 : seiscentos anos depois. Lisboa : Livros Horizonte, 2015. p. 140 e ss.

A sumptuosidade do templo fora também, seis anos depois, testemunhada por Jorge de Eingen, na sua estada em Ceuta no ano de 1457<sup>12</sup>. A então catedral, dedicada a Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, imagem que recebera em 1425<sup>13</sup>, era a antiga mesquita maior de Ceuta, preparada e sagrada logo após a conquista cristã da cidade, na qual se celebraria a Eucaristia e pregaria no domingo seguinte a 25 de Agosto de 1415, para que D. João I pudesse aí armar solenemente os seus filhos cavaleiros, cumprindo-se, deste modo, o objetivo maior da empresa. Para tal, D. João I mandara chamar Frei João de Xira, seu pregador, e Afonso Eanes, seu capelão mor, ordenando-lhes que preparassem a mesquita de modo que no mesmo edifício se pudesse celebrar missa no domingo seguinte.

A urgência da tarefa e o estado do templo tornavam o trabalho árduo. Pois, segundo conta Zurara:

«E logo no outro dia o capellam moor foy ueer aquella mezquita, e achou que lhe compria de seer limpa, ca posto que ella fosse muy bem ladrilhada açerca do chaão, jazia em ella gramde multitudam desterco. E esto era por rrezam das mujtas esteiras uelhas e podres que era ella jaziam, por quanto os mouros quamdo fazem sua oraçam, mujtas uezes jazem em terra e outras uezes estam descalços, lamçam assy aquellas esteiras por rrezara da friellidade. E segumdo parece, que depois que a primeira esteira que alli lamçararam apodreçeo, nom a quiseram tirar, e lamçaram outras sobre ella. E assy fizeram sempre ataa aquelle tempo, de guisa que as primeyras esteyras eram saãs, e todallas outras se moeram jazemdo, per tall guisa que eram tornadas em esterco, por cuja rrezam em aquelle sabado forom juntadas mujtas emxadas e cestos, com que lamçaram toda aquella esterqueyra fora. E alimparam muy bem toda a casa. E trouxeram hi isso meesmo huña tauoa larga pera o altar com seus pees. E per semelhante todollos outros corregimentos, que perteeçiam pera aquelle offiçio do dia seguimte.<sup>14</sup>»

Purificada que estava a antiga mesquita, ora transformada em catedral, faltavam ainda os sinos, tendo lembrado o infante D. Henrique que ‘em outro tempo

---

<sup>12</sup> GUICCIARDINI, Francisco ; NAVAJERO, Andrés - *Viajes por España de Jorge de Eingen, del barón de Rosmithal de Blatana*. Madrid : Librería de los bibliófilos : Fernando Fé, 1879. p. 34.

<sup>13</sup> BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond - *Ceuta Portuguesa : 1415-1656*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties, 1998. p. 146-147.

<sup>14</sup> ZURARA, Gomes Eannes de - *Crónica da Tomada de Ceuta por El-Rei D. João I*. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1915. Cap. LRV, p. 251-2.



os mouros leuaram de Lagos dous sinos pera aquella cidade'<sup>15</sup>, os quais, depois de procurados, foram encontrados, segundo o cronista.

Gomes Eanes de Zurara refere, ainda, «acho que des o fundamento desta cidade teue o nosso Senhor Deos hordenado de seer aqui posta a cabeça da jgreia de toda a terra d'Affrica»<sup>16</sup>. Data, porém, de 4 de Abril de 1418, a bula *Rex regnum* na qual o papa, Martinho V, reconhecia a praça de Ceuta como integrante do reino de Portugal, ordenando, através da mesma, às autoridades eclesiásticas a pregação da Cruzada.

D. João I havia também solicitado ao papa a instituição da catedral de Ceuta com cabido e as respetivas insígnias, assim como a nomeação de um prelado<sup>17</sup>. Na mesma data daquela bula, Martinho V dirigiu aos arcebispos de Braga e de Lisboa a bula *Romanus pontifex*<sup>18</sup>, incumbindo os prelados de se informarem acerca das condições de Ceuta para poder ser elevada a cidade, assim como a mesquita a catedral, como lhe solicitara o monarca português. Ao mesmo tempo, ordenara o papa, que sendo a resposta positiva, tudo se fizesse para isso<sup>19</sup>. Dois anos depois, em 6 de setembro de 1420, os arcebispos de Braga e Lisboa, D. Fernando da Guerra e D. Diogo respetivamente, elevaram a vila de Ceuta a cidade, transformando a antiga mesquita, já sagrada, em catedral, instituindo *de jure*, a nova diocese com os respetivos termos<sup>20</sup>, que integravam todo o reino de Fez e os territórios do reino de Granada mais perto do mar<sup>21</sup>.

Em 5 de Março de 1421, Martinho V dirigiu nova missiva a D. João I, a bula *Gratie diuine Premium*, pela qual nomeava para prelado da igreja de Ceuta Aymar de

---

<sup>15</sup> ZURARA, Gomes Eannes de - *Crónica da Tomada de Ceuta por El-Rei D. João I*. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1915. Cap. LRVj, p. 254.

<sup>16</sup> ZURARA, Gomes Eannes de - *Crónica da Tomada de Ceuta por El-Rei D. João I*. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1915. Cap. LRVj, p. 255.

<sup>17</sup> DINIS, António Joaquim Dias, dir. e org. - *Monumenta Henricina*. Coimbra : Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960. vol. 2. N.º 142, p. 277-281.

<sup>18</sup> FONSECA, João Abel da - «Dúvidas de D. João I sobre a ida a Ceuta». In: SILVA, Carlos Guardado da, coord. - org. - *A Conquista de Ceuta : Conselho Régio de Torres Vedras*. Lisboa : Colibri : Universidade de Lisboa. Faculdade de letras ; Torres Vedras : Município, 2015. p. 99.

<sup>19</sup> DINIS, António Joaquim Dias, dir. e org. - *Monumenta Henricina*. Coimbra : Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960. vol. 2. N.º 144, p. 287-289.

<sup>20</sup> MARQUES, João Martins da Silva, ed. - *Descobrimentos Portugueses : Documentos para a sua História*. Lisboa : Instituto para a Alta Cultura, 1944. Vol. 1. N.º 243, p. 259-261.

<sup>21</sup> MARQUES, João Martins da Silva, ed. - *Descobrimentos Portugueses : Documentos para a sua História*. Lisboa : Instituto para a Alta Cultura, 1944. Vol. 1. N.º 241, p. 255-256; SOUSA, João Silva de - «Ceuta de vila a cidade, de mesquita a igreja». In: *1383-1385 e a crise geral dos séculos XIV/XV: Jornadas de história medieval: Actas*. Lisboa : História & Crítica, 1985. p. 174 [173-180].

Aurillac, confessor de D. Filipa de Lancaster<sup>22</sup>, que se manteria no cargo até 1433. Aimaro encontrava-se estabelecido em Portugal como bispo de Marrocos, tendo D. Martinho V transferindo-o da Igreja do Norte de África, colocando-o em Ceuta e nomeando-o bispo da Igreja, *per apostolice auctorita*, e outorgando-lhe a plena administração e cura temporal e espiritual<sup>23</sup>. Acompanhava aquela a bula *Romani pontificis*, dirigida a D. Aimaro, através da qual recordava ser Ceuta um lugar de certa importância e muito populoso, assim como uma cidade que reunia as condições para ser sede de um bispado, com prelado e clero permanentes. No fundo, o papa diligenciava consolidar a *praxis* católica na terra ‘recém batizada’, procurando aumentar a comunidade dos fiéis.

Todavia, no tempo em que Nicolau visitara Ceuta, era o seu sucessor que ocupava o cargo, D. Frei João Manuel, um carmelita, filho bastardo do rei de D. Duarte, nomeado em 1444<sup>24</sup>.

A par da catedral, Nicolau Lanckmann descreve outras duas **igrejas: uma fora das muralhas maiores, também dedicada a Santa Maria, certamente Santa Maria de África**, que acolhe a Virgem de África<sup>25</sup>, e outra na cidade, **dedicada ao apóstolo S. Tiago, que integrava o convento dos Frades Menores**.

Santa Maria de África fora instituída, por D. Henrique, antes do cerco de 1418. Em 1443, Eugénio III doou a igreja à Ordem de Cristo, constituindo-a como Comenda<sup>26</sup>. Quanto à igreja de São Tiago, esta foi criada na sequência de um pedido do infante D. Pedro, datado de 4 de junho de 1420, para que, em um antigo eremitério da mesma invocação, no sítio da atual Plaza de África, se instituisse o convento. A autorização para a fundação da nova casa franciscana seria recebida pelo guardião e convento franciscano de Ceuta, concedida pelo papa Martinho V, através da bula *Sacre religiones obseruantia*, de 10 de junho de 1421, com idênticos privilégios aos da casa de Monte Sião, em Jerusalém<sup>27</sup>.

---

<sup>22</sup> BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond - *Ceuta Portuguesa : 1415-1656*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties, 1998. p. 143.

<sup>23</sup> SOUSA, João Silva de - *Op. cit.* p. 175.

<sup>24</sup> DINIS, António Joaquim Dias, dir. e org. - *Monumenta Henricina*. Coimbra : Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1967. vol. 8. p. 205-211.

<sup>25</sup> Acerca da Virgem de África veja-se a síntese de Fernando Vilatoro Iglesias em VILLADA PAREDES, Fernando, coord. general edit. - *Historia de Ceuta : de los orígenes al ano 2000*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties, Ciudad Autónoma de Ceuta, 2009.vol. 1, p. 376-377.

<sup>26</sup> BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond - *Op. cit.* p. 148.

<sup>27</sup> DINIS, António Joaquim Dias, dir. e org. - *Monumenta Henricina*. Coimbra : Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961. vol. 3. p. 20-21; BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond - *Op. cit.* p. 149.

No mesmo ano que Nicolau Lanckmann visitara Ceuta, também aí se fundou o convento do Espírito Santo ou de São Jorge de Ceuta, da Ordem de São Domingos, que o autor do *Diário* silencia<sup>28</sup>.

Depois, Nicolau Lanckmann acrescenta, de modo expressivo, um comentário alusivo à riqueza e à beleza da urbe, ainda que denunciando alguma decadência: *Oh! Que grandes palácios e fortes e maravilhosas construções de torres e baluartes os desta cidade! Como teria sido Ceuta dizem-nos as suas ruínas.*

Em outros passos, dois outros elementos urbanísticos: **um fontanário público**, que ficava *sob uma alta abóbada*, e **três banhos lindíssimos e aprazíveis no castelo real**.

Comparativamente à descrição de Nicolau Lanckmann, Gomes Eanes de Zurara oferece-nos, certamente, uma descrição mais pormenorizada de Ceuta. Desde logo, pela boca do prior dos Hospital, D. Álvaro Gonçalves Camelo, na descrição que faz da cidade em reunião com o rei no paço de Sintra, depois da viagem à Sicília, recorrendo a uma maqueta:

Tomou aquella escudella e fez logo o monte da Almina com toda a çidade assy como jaz com suas alturas e os ualles e fumdos dellas, e desy a Aljazira com a serra de Xemeyra assy como jaz em sua parte, e homde auia de fazer mostra de muro çercaua com aquella fita. E homde auia dassijnar casas poinha aquellas fauas, em tall guisa que lhe nom ficou nada por deuisar<sup>29</sup>.

A cidade era muito grande<sup>30</sup>, com o casario era denso, *seemdo as rruas tam estreitas como eram, cuja estreytura nom comssemntia em ssi senam muy poucos*, (...) [com] *casas [que] tijnham as portas baixas e estreitas, e eram feitas segumdo hordenamça dos mouros*<sup>31</sup>, [onde não faltavam *as cisternas e huũ chafariz que alli esta, em que sse coaua agua quando uijnha de çima daquelles outeiros*, próximo da porta de Almina. Marcava presença na cidade uma esterqueira, para onde se lançavam as imundícies das casas<sup>32</sup>.

Destacam-se as muralhas, com a sua cidadela, o muro do Barbaçote (do árabe *Bahr Bassūl*<sup>33</sup>), que bordejava a costa sul do istmo, assim como **o muro que departe**

---

<sup>28</sup> BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond - *Op. cit.* p. 150.

<sup>29</sup> ZURARA, Gomes Eannes de - *Crónica da Tomada de Ceuta por El-Rei D. João I.* Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1915. Cap. XVIII, p. 59.

<sup>30</sup> IDEM - *Ibidem*. Cap. LXXIII, p. 206.

<sup>31</sup> IDEM - *Ibidem*. Cap. LXXVII, p. 213.

<sup>32</sup> IDEM - *Ibidem*. Cap. LXXIII, p. 206.

<sup>33</sup> O mar de *Bassūl*, nos textos árabes.



*as uillas ambas*<sup>34</sup>, compreendendo-se, no conjunto, de leste para oeste, o sítio da Almina, o centro da cidade, no istmo, e a Aljazira, a ponte, junto da *outra uilla de fora*, onde se encontravam a torre e a porta de *Feez*<sup>35</sup>. Em outra passagem, Zurara descreve ainda parte das muralhas defensáveis, com suas ameias, uma torre e três portas<sup>36</sup>.

A par da imagem exterior da urbe, aqueles que acompanharam D. João I na armada em 1415, não deixaram de se maravilhar com o interior das casas particulares, sem comparável formosura ao que conheciam no reino português, mesmo quando aparentemente, humilde:

Oo como a uemtura muda suas cousas como lhe praz, e acreçemta e mimgua segumdo seu querer, ca tall auia amtre aquelles, que em este rregno nom tijnha huũa choça, e alli açertaua por pousada gramdes casas ladrilhadas com tigellos uidrados de desuayradas coores. E os teitos forrados dolliuell com fremosas açoteas çerquadas de marmores muy aluos e pollidos. E as camas bramdas e molles e com rroupas de desuairados lauores, como ueedes que geerallmente sam as obras dos mouros. E em forte ora deziã elles, aquelles pelleiassem sobre tanto uiço, pera nos outros mezquinhos, que amdamos no nosso Portugall pollos campos colhemdo nossas messes, afadigados com a força do tempo, e aa derradeira nom teemos outro rrepouso, senam proues casas, que em comparaçam destas querem parecer choças de porcos<sup>37</sup>.

Mas em meados do século XV, Ceuta permanecia ainda uma terra de fronteira, dominada pela conquista e pelo espírito cavaleiresco e cruzadístico (este distinto das primeiras Cruzadas) que levou à sua conquista, e que a bula *Eximie devocionis* do papa pisano João XXIII<sup>38</sup>, de 20 de Março de 1411 ‘alimentava’, permitindo a todos os cristãos que participassem *diariamente* na luta contra os muçulmanos a obtenção da absolvição geral e da remissão de todos os seus pecados. Era a permanência da situação que se impôs em 1415.

---

<sup>34</sup> IDEM - *Ibidem*. Cap. LXXVIII, p. 216. Muro que separava a medina islâmica do espaço exterior a oeste constituído pelos arrabaldes.

<sup>35</sup> IDEM - *Ibidem*. Cap. LXXXVI, p. 232 e LXXXVII, p. 234.

<sup>36</sup> IDEM - *Ibidem*. Cap. LXXIX, p. 217.

<sup>37</sup> IDEM - *Ibidem*. LXXXVIII, p. 235-6.

<sup>38</sup> João XXIII (1410-1415) foi eleito, em 17 de maio de 1410, e sagrado em Bolonha, tendo sucedido ao antipapa Alexandre V, o primeiro papa cismático eleito em Pisa, no Concílio aí realizado em 26 de Junho de 1409. Opôs-se a Gregório XII, papa legítimo de Roma, e a Bento XIII, antipapa de Avinhão. Com a ajuda de Luis de Anjou, estabeleceu-se em Roma, governando a partir da cidade. Cf. KELLY, J. N. D. [John Norman Davidson] - *The Oxford Dictionary of Popes*. Oxford : Oxford University Press, 1986. p. 238.

Com a presença de um bispo, Ceuta fora elevada à categoria de cidade. Mas Ceuta já apresentava então, independentemente do seu estatuto, uma fisionomia urbana, bem vincada pelo seu passado remoto, como atesta Nicolau Lanckmann e, mais pormenorizadamente, Gomes Eanes de Zurara, mantendo vestígios de distintas civilizações. Assim se entende a referência, naquele autor, *a um grande palácio, no qual, em outros tempos, tiveram morada o rei de África e Aníbal*. Uma referência, certamente, ao palácio merínida, junto da urbe (*a Cidade*).

Ceuta era já centro de um poder, não político, mas económico, mormente comercial, fruto do seu posicionamento no Estreito de Gibraltar<sup>39</sup>, à entrada e *a chaue de todo o mar medyo terreno*<sup>40</sup>. Um entreposto comercial, com uma alfândega, ainda existente no **tempo da escrita da Crónica**<sup>41</sup>, para carga e descarga de mercadorias, que em 1415, acolhia uma comunidade de genoveses:

huñas casas, homde descarregauam as mercadorias, que uijnham de fora, e ajmda pousauam alli Genoeses, e chamauasse a aduana, e ajmda sse agora chama, as quaaes casas tijnhem huña porta barreyrada d'aquella parte d'Almina.

Cada vez menos virada para as rotas terrestres provenientes da África subsaariana<sup>42</sup>, Ceuta abrir-se-ia cada vez mais ao mar e para o comércio marítimo. E voltava-se então para Roma, enquanto sede de uma nova diocese do reino de Portugal, instituída com o esforço dos cavaleiros portugueses, e mormente de D. João I, que procurava em Ceuta a legitimação da sua bastardia, na certeza de que Ceuta legitimara o monarca, assim como a novel dinastia. Legitimidade que custaria cara ao reino de Portugal, tornando-se difícil a manutenção da cidade, como, já em 1426, o infante D. Pedro manifestara ao seu irmão D. Duarte, por carta remetida de Bruges, Ceuta *emquanto asy estiuer ordenada como agora esta que he muy bom sumydoiro de gente de uossa terra e d'armas e de dinheiro*<sup>43</sup>.

---

<sup>39</sup> Ideia já presente no Livro dos Arautos. NASCIMENTO, Aires Augusto, ed. - *Livro de Arautos = De Ministerio Armorum : estudo codicológico, histórico, literário, linguístico*. Lisboa : [s.n.], 1977. P. 26.

<sup>40</sup> ZURARA, Gomes Eanes - *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné por mandado do infante D. Henrique*. Lisboa : Academia Portuguesa da História, 1978. Vol. 1, p. 31.

<sup>41</sup> A *Crónica da Tomada de Ceuta* teria sido terminada em Silves em março de 1450. Cf. MONTEIRO, João Gouveia ; COSTA, António Martins - *1415 : a Conquista de Ceuta : o relato empolgante da última grande vitória de D. João I*. Lisboa : Manuscrito, 2015. Nota 3, p. 189-190.

<sup>42</sup> KALBY, Mohamed, presente. et dir. - *Histoire du Maroc: réactualisation et synthèse*. Rabat : Institut Royal pour la Recherche sur l'Histoire du Maroc, 2011. p. 238 e ss.

<sup>43</sup> DIAS, João Alves, transcrição - *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte : Libro da Cartuxa*. Ed. diplomática. Lisboa : Estampa, 1982. p. 37.

A cidade exigia, sobretudo devido à permanente guerra aos mouros, de que Nicolau Lanckmann faz eco, assim como muitos outros na centúria de quatrocentos<sup>44</sup>, elevados recursos de que o reino não dispunha, também esta uma das causas de se encontrar *em ruínas*, em meados do século XV. Com esta memória visual, Nicolau Lanckmann partira da cidade, então sob a jurisdição do 2.º conde de Arraiolos, D. Fernando<sup>45</sup>, *no penúltimo dia de Novembro* de 1451, em direção à península itálica.

---

<sup>44</sup> BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond - *Ceuta Portuguesa : 1415-1656*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceutíes, 1998. p. 11.

<sup>45</sup> BRAGA, Paulo Drumond - *Uma lança em África : história da conquista de Ceuta*. Lisboa : Esfera dos Livros, 2015. p. 61.

## ANEXO

«30. No **dia vinte e dois do mês de novembro**, ou seja, dia de Santa Catarina, próximo do nascer do sol, chegámos de barco a África, do outro lado do mar junto a Ceuta. Toda a gente se pôs de joelhos, rezando a Deus que nos desse porto de salvamento.

Aí tivemos o primeiro porto, desde a saída do reino de Portugal. Foi determinado que nesse dia iriam a terra a senhora desposada, a imperatriz, com alguns homens e mulheres, os embaixadores do senhor imperador, o senhor Cristóvão Ungenad, e também algumas pessoas designadas de outros navios. E assim, depois do meio-dia, a senhora desposada, com trezentas pessoas da comitiva, entrou na cidade de Ceuta, ao som de trombetas e charamelas. Vieram da **cidade**, ao seu encontro, **os capitães, cavaleiros, fidalgos, homens de armas com suas armaduras militares maravilhosas e todo o clero com o povo da cidade**, em alegria, a receberem a senhora desposada, com os seus. Até então, poucos de toda a comitiva tinham visto esta cidade, porque nela o senhor rei de África tivera a sua morada. Também Aníbal nela construíra, em moldes maravilhosos, um grande palácio. Mas o sereníssimo rei de Portugal conquistou a cidade com pesados e grandes custos, e desbaratou os africanos. E desencadeou grande luta contra os africanos, mas Deus onnipotente, de modo admirável, concedeu a vitória aos cristãos.

Oh! Que **grandes palácios e fortes e maravilhosas construções de torres e baluartes os desta cidade! Como teria sido Ceuta dizem-nos as suas ruínas.**

Nesta cidade descansámos por três dias e duas noites. Era então a época do ano de muito calor e o sol e a temperatura eram intensos naquela terra, pelo que os habitantes plantavam legumes e faziam sementeiras nos campos e hortas, do mesmo modo que é costume fazer pela festa de S. Vito<sup>46</sup> na Estíria, em Graz, e em Neustadt, para além do Monte Semering<sup>47</sup>.

31. **Ceuta é uma grande cidade, duas vezes maior que Viena**, no ducado da Áustria. Nela houve muitos **templos dos sarracenos**, dedicados a **Maomé, seu deus**. A **igreja principal** que foi em tempos de pagãos, e construída ao seu estilo, tem cento e oitenta colunas e estátuas de mármore de diversas cores que sobem até à abóbada. Junto ao altar-mor há duas colunas de pedra serpentina, de cor quase verde. Agora é a igreja catedral dos cristãos dedicada à **Bem-aventurada Virgem Maria**. Aí são

---

<sup>46</sup> Festa que ocorria a 15 de junho.

<sup>47</sup> A sul de Neustadt.

dadas medalhas de chumbo aos **peregrinos**, como em Aquisgrana, e também com outras representações.

Há ainda, fora das **muralhas maiores**, **outra igreja desta cidade**, também dedicada a **Santa Maria, Virgem da Graça**, onde se fazem muitas medalhas. Nessa igreja, a mandado da nossa senhora, a rainha e desposada, Dona Leonor, eu, Nicolau Lanckmann de Valckenstein, celebrei missa na sua presença.

**Uma terceira igreja**, nessa cidade, possui **grande envergadura e grandes construções**, e é dedicada ao apóstolo **S. Tiago**. Aí têm os **Frades Menores o seu convento**. Nele reencontrei um devoto frade, da referida Ordem, que, em dia de Santa Margarida, estivera comigo em Santiago na Galiza; foi ele quem me conduziu aos vários locais desta cidade.

Aí, em Ceuta, **há um fontenário público**, que fica sob uma alta abóboda, como se fosse uma grande igreja. Nessa cidade, há **um grande palácio**, no qual, em outros tempos, tiveram morada **o rei de África e Aníbal**. Esse palácio tem as estruturas a grande distância umas das outras, sendo as paredes e os pavimentos de uma beleza admirável, com pedras variegadas e talhadas em diversas cores, como as paredes da igreja de São Marcos de Veneza. Nesse mesmo palácio ficou a desposada, senhora imperatriz Dona Leonor.

Nesse **castelo real** há **três banhos lindíssimos e aprazíveis**, dispostos de modo admirável. Junto está um horto belíssimo, com diversas árvores e plantas. Nesse jardim, a senhora imperatriz e desposada tomou com os seus a merenda e por suas próprias mãos plantou um jardimzinho, para memória, e recomendou-o muito ao hortelão, deixando-lhe um ducado por arras. Havia aí uma árvore de fruto que tinha **umas folhas tão compridas e largas**, que, de duas folhas, a imperatriz fez a um menino de seis anos um manto que quase chegava ao chão.

Durante estes dias, o senhor capitão daquela cidade e conde do domínio, com mil homens de armas, saiu a defrontar os pagãos a uma certa cidade de infiéis, denominada **Tânger**, que fica a seis milhas de distância. Regressou triunfante, trazendo cativos alguns infiéis, bem como asnos, mulas, vacas, etc. A senhora imperatriz e desposada, ao ver isto, ordenou que, em seu nome e memória, os infiéis partissem em liberdade, sem qualquer entrave.

Nessa cidade de Ceuta tiveram os pagãos muitos, **grandes e altos templos**, construídos em tempos para os seus ídolos.

Nesse domínio, todos os cristãos têm, da Sé Apostólica, absolvição geral e remissão de todos os pecados, de acordo **com o teor da bula, em razão das lutas que diariamente travam contra africanos e infiéis, no mar e em terra**.

Poucos anos se passaram, desde que o rei de **Túnis, em África, levou, cativo, Dom Fernando**, filho do rei de Portugal e irmão do pai da imperatriz, para certa cidade, chamada Fez, onde próximo se situou a catedral de Hipona, de que foi bispo Santo Agostinho, que nasceu numa cidade que em árabe se chama Dagaze<sup>48</sup>, e que fica perto da grande cidade de Cartago, na qual Aníbal e Asdrúbal tiveram fortíssimos castelos que os Romanos destruíram. Ouvi dizer a muitos africanos que, junto ao sepulcro de Dom Fernando de boa memória, filho do rei de Portugal, morto em África, pela fé cristã e pela libertação do seu povo, às mãos dos infiéis, se operam muitos milagres no povo.

Ó África, boa e fértil terra! Mas como são tão poucos os cristãos!

32. No penúltimo dia de Novembro, de manhã, após a missa, a senhora imperatriz entrou no navio com os seus...»<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Tagaste (?), cidade de nascimento de Santo Agostinho.

<sup>49</sup> NASCIMENTO, Aires A., ed. e trad. - *Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha: Diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckman de Valckentein*. Lisboa : Cosmos, 1992. p. 57-61.